



SÍNTSE DE NOTÍCIAS N° 0107/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 24/04/2025**

[**Príncipe herdeiro saudita e Rei da Jordânia se reúnem em Jeddah**](#)



O Príncipe herdeiro jordaniano Hussein participou na reunião em Jeddah.

O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman se encontrou ontem com o Rei Abdullah II da Jordânia durante uma visita oficial à Arábia Saudita.

O Rei Abdullah chegou a Jeddah, acompanhado pelo Príncipe herdeiro Hussein, e foi recebido pelo Vice-governador de Meca, Príncipe Saud bin Mishael bin Abdulaziz, informou a Agência de Imprensa Saudita.

O Rei Abdullah expressou orgulho pelas relações históricas entre Riade e Amã durante seu encontro com o Príncipe herdeiro. Ele reconheceu o papel significativo da Arábia Saudita no apoio às causas árabes e islâmicas. Os dois líderes discutiram os recentes desenvolvimentos na região, particularmente a situação na Faixa de Gaza e na Cisjordânia ocupada. O ministro da Defesa saudita, Príncipe Khalid bin Salman, o ministro das Relações Exteriores, Príncipe Faisal bin Farhan, o Príncipe herdeiro Hussein e o director do Gabinete do Rei da Jordânia, Alaa Batayneh, participaram na reunião. **Fonte-Reuters.**

Ministros saudita e grego presidem reunião inaugural do comitê cultural



O ministro saudita da Cultura, Príncipe Badr bin Abdullah bin Farhan, e a Ministra da Cultura grega, Lina Mendoni, na reunião inaugural, ontem, do Comitê de Cultura do Conselho de Parceria Estratégica Saudita-Grega.

O ministro saudita da Cultura, Príncipe Badr bin Abdullah bin Farhan, e sua homóloga grega, Lina Mendoni, presidiram ontem a reunião inaugural do Comitê de Cultura do Conselho de Parceria Estratégica Saudita-Grega. Os ministros disseram que era importante fortalecer a cooperação cultural entre Riade e Atenas e activar um memorando de entendimento assinado em julho de 2022, informou a Agência de Imprensa Saudita. O Príncipe Badr disse que o comitê ajudará a conseguir isso. Os ministros elogiaram a Semana Cultural Saudita organizada em Atenas de 27 de setembro a 1º de outubro de 2024, com apresentações musicais e teatrais, filmes, artesanato tradicional, comida, caligrafia árabe e moda do Reino. A Grécia participou na Semana Internacional de Artesanato da Arábia Saudita em Riade em novembro de 2024, e o Museu Benaki em Atenas está participando da Bienal de Artes Islâmicas, que começou em janeiro em Jeddah e continua até maio. Outros altos funcionários sauditas e gregos presentes na reunião do comitê incluíram Alexis Konstantopoulos, o embaixador grego no Reino. **Fonte-Arab News.**

Autoridades sauditas e tunisinas analisam esforços humanitários

O Dr. Abdullah Al-Rabeeah, supervisor-geral da Agência de ajuda da Arábia Saudita KSrelief, reuniu-se com o presidente da Tunísia, Kais Saied, na capital, Túnis. Os dois funcionários discutiram questões humanitárias e de socorro, informou a Agência de Imprensa Saudita. Saied elogiou os fortes laços entre a Arábia Saudita e a Tunísia, destacando os profissionais médicos excepcionais das duas nações. Ele elogiou ainda o programa da Arábia Saudita para a separação de gêmeos siameses. O chefe do KSrelief também se reuniu com o ministro da Saúde da Tunísia, Dr. Mustapha Ferjani, para discutir questões humanitárias. Ferjani elogiou os esforços humanitários do Reino por meio do KSrelief para ajudar as pessoas em todo o mundo. Desde o seu lançamento em maio de 2015, o KSrelief

implementou 3.400 projectos no valor de mais de US\$ 7,9 bilhões em 106 países, em parceria com mais de 311 organizações. **Fonte-Arab News**.

Vice-presidente do Conselho Shoura saudita se reúne com delegação do parlamento alemão



Mishaal Al-Sulami, vice-presidente do Conselho Shoura, reuniu-se ontem em Riade com uma delegação de membros do Bundestag, o Parlamento Federal Alemão. A delegação alemã foi liderada por Tilman Kuban e Thomas Volk, chefe do departamento do Médio Oriente e Norte de África, durante sua visita ao Reino.

Al-Sulami deu as boas-vindas à delegação, reflectindo sobre a importância de fortalecer e apoiar as relações entre a Arábia Saudita e a Alemanha em todos os campos. Kuban elogiou as relações sauditas-alemãs, destacando o papel central e influente da Arábia Saudita no apoio à estabilidade e à paz, tanto regional quanto globalmente. **Fonte-Arab News**.

Chefe do Centro Nacional de Meteorologia da Arábia Saudita é eleito presidente regional

Ayman Salem Ghulam, CEO do Centro Nacional de Meteorologia da Arábia Saudita, foi eleito ontem como presidente regional da Organização Meteorológica Mundial para a Ásia. Ele foi escolhido durante a 18ª sessão da Associação Regional II da OMM para a Ásia por representantes dos Estados membros e órgãos especializados em meteorologia e serviços climáticos. Depois que sua selecção foi confirmada, Ghulam destacou o compromisso da Arábia Saudita com os esforços para melhorar os serviços meteorológicos e climáticos e enfrentar os desafios ambientais urgentes na Ásia e no mundo, informou a Agência de Imprensa Saudita. O Reino planeja introduzir programas de treinamento e qualificações profissionais para pessoas que trabalham no campo e melhorar a infraestrutura de previsão e monitoramento para beneficiar todos os membros da OMM, acrescentou. O Centro Nacional Saudita de Meteorologia, que usa tecnologias avançadas de monitoramento atmosférico e climático para pesquisa e previsão do tempo, foi criado em 2019. A Organização Meteorológica Mundial é uma agência especializada da ONU responsável por promover a cooperação

internacional em actividades relacionadas ao clima e ao clima. **Fonte-Arab News.**

Forças sauditas participam no exercício aéreo 'Bandeira do Deserto' nos Emirados Árabes Unidos

As forças de defesa sauditas se juntaram a contingentes de outras 10 nações no exercício aéreo conjunto "Bandeira do Deserto" nos Emirados Árabes Unidos, informou ontem a Agência de Imprensa Saudita. A Força Aérea Real Saudita e as Forças Reais de Defesa Aérea Saudita estão entre as unidades que participam no exercício, que continuará por várias semanas na Base Aérea de Al-Dhafra. Outros países participantes são Qatar, Bahrein, Turquia, EUA, França, Coreia do Sul, Reino Unido, Austrália, Índia e Alemanha. O comandante do contingente da Força Aérea, tenente-coronel piloto Faisal Al-Marwani, disse que os preparativos foram realizados de acordo com os padrões de segurança aprovados para exercícios militares. Al-Marwani acrescentou que a Força Aérea Saudita enviou seis caças F-15C com tripulações completas para trocar conhecimentos militares em cenários de combate realistas, aumentar a prontidão e fortalecer as parcerias internacionais. Ele disse que o exercício inclui várias manobras aéreas, como operações antiaéreas defensivas e ofensivas, apoio aéreo aproximado e busca e salvamento em combate. Os objectivos incluem a troca de conhecimentos em planejamento e execução, melhorando a prontidão de combate e fortalecendo os laços com as forças participantes. **Fonte-Arab News.**

Embaixador saudita no Reino Unido eleito diplomata do ano para o Médio Oriente e Norte de África



O Príncipe Khalid bin Bandar foi eleito "Diplomata do Ano" para o Médio Oriente e Norte da África por colegas diplomatas.

O embaixador do Reino da Arábia Saudita no Reino Unido, Príncipe Khalid bin Bandar, foi nomeado "Diplomata do Ano" para o Médio Oriente e Norte da África em uma cerimônia em Londres. O Príncipe Khalid foi votado por colegas diplomatas que representam mais de 180 missões credenciadas no Reino Unido,

informou a Agência de Imprensa Saudita. O prêmio, administrado pela "Diplomat Magazine", com sede em Londres, reconhece embaixadores e diplomatas que fizeram contribuições notáveis para o trabalho diplomático no Reino Unido.

O Príncipe Khalid recebeu o prêmio durante a cerimônia anual da revista no London Hilton em Park Lane na passada terça-feira. O evento contou com a presença de embaixadores e altos comissários de mais de 90 países. **Fonte-Reuters.**

Paquistão pede renascimento do multilateralismo na ONU em meio a crescentes tensões globais



O Representante Permanente do Paquistão nas Nações Unidas, Embaixador Asim Iftikhar Ahmad, discursava na reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas em Nova York, EUA, em 23 de abril de 2025.

O principal diplomata do Paquistão nas Nações Unidas, embajador Asim Iftikhar Ahmad, pidiu à comunidade internacional que reafirme seu compromisso com o multilateralismo e a ação coletiva durante uma reunião do Conselho de Segurança convocada ontem pela China. Uma sessão informal, a reunião proporcionou uma plataforma para os Estados membros discutirem os desafios colocados por ações unilaterais no actual contexto global. O embajador Ahmad destacou o desmoronamento de normas de longa data que sustentam a paz e a cooperação globais, enfatizando a necessidade de reavivar a fé no multilateralismo.

"A história nos lembra que a paz duradoura e as soluções sustentáveis nunca vieram de ações unilaterais ou práticas coercitivas", disse ele. "Eles emanam da inclusão, respeito, propósito compartilhado e respostas unificadas." O diplomata paquistanês também pediu reformas no sistema de comércio internacional para reflectir melhor as aspirações e necessidades dos países em desenvolvimento. "O comércio deve ser uma ponte, não uma barreira - um veículo para a paz e a prosperidade compartilhada, não dominação ou isolamento", acrescentou. Ahmad ressaltou a importância de capacitar a ONU para liderar a cooperação global para o desenvolvimento e defender sistemas equitativos de comércio, finanças e governança climática. **Fonte-Arab News.**

Chefe de finanças do Paquistão reconhece papel saudita no acordo com FMI



O ministro das Finanças do Paquistão, Muhammad Aurangzeb (à esquerda), e seu homólogo saudita, Mohammed Aljadaan, posam para uma foto após uma reunião em Washington DC, EUA, em 23 de abril de 2025.

O ministro das Finanças do Paquistão, Muhammad Aurangzeb, reconheceu ontem o papel crítico da Arábia Saudita em ajudar a garantir o pacote de empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI) do país e convidou seu homólogo do Reino a visitar o Paquistão, durante uma série de reuniões bilaterais de alto nível realizadas à margem das Reuniões de Primavera do FMI e do Banco Mundial em Washington, DC.

O FMI aprovou um Mecanismo de Fundo Estendido (EFF) de US\$ 7 bilhões para o Paquistão em setembro de 2024, depois que a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e a China forneceram garantias de financiamento essenciais para desbloquear o pacote. O acordo foi amplamente visto como vital para estabilizar a economia do Paquistão em meio ao declínio das reservas estrangeiras e ao crescente estresse fiscal. O chefe das finanças paquistanês reconheceu o papel do Reino em uma reunião com seu homólogo saudita, Mohammed Aljadaan, durante sua viagem aos Estados Unidos. **Fonte-Arab News.**

Rússia permite que Talibãs tenham embaixador em Moscovo

A Rússia disse ontem que permitirá que as autoridades Talibãs no Afeganistão tenham um embaixador em Moscovo, em um movimento simbólico dias depois de suspender a designação de "terrorista" para o grupo militante. Moscovo tomou medidas para normalizar as relações com o governo islâmico Talibã desde que o grupo tomou o poder no Afeganistão em 2021, após a retirada das tropas americanas. O Ministério das Relações Exteriores da Rússia disse que autoridades russas conversaram com os ministros das Relações Exteriores e do Interior do Afeganistão. "Os representantes da liderança afegã foram informados de que, após a decisão anunciada pela Suprema Corte da Rússia de suspender a proibição do movimento Talibã, o lado russo decidiu elevar a missão diplomática do Afeganistão em Moscovo ao nível de embaixada", disse em comunicado.

Acrescentou que o lado afgão "expressou sua profunda gratidão por este passo". A Rússia vê um potencial parceiro econômico nas autoridades Talibãs, que elogiaram Moscovo por descartar o rótulo de "terrorismo" na semana passada. Autoridades Talibãs visitaram a Rússia para eventos de alto nível nos últimos anos. A decisão da Rússia de suspender a proibição do grupo não equivale a um reconhecimento formal para as autoridades Talibãs, que buscam legitimidade internacional.

O ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, disse ontem que "as novas autoridades em Cabul são uma realidade". "Precisamos levar isso em consideração para realizar uma política pragmática, não ideologizada", disse o ministro a jornalistas. O governo afgão não é oficialmente reconhecido por nenhum país ou órgão mundial e as Nações Unidas se referem ao governo como as "autoridades de facto, Talibãs". **Fonte-Reuters**.

[**Ministro da Defesa sírio se reúne com chefe do Exército jordaniano em Damasco**](#)



O novo ministro da Defesa da Síria, Murhaf Abu Qasra.

O major-general Yousef Huneiti, chefe do Estado-Maior Conjunto da Jordânia, reuniu-se ontem com o ministro da Defesa da Síria, Murhaf Abu Qasra, em Damasco. Durante a reunião, os dois homens discutiram as relações bilaterais e exploraram maneiras de desenvolvê-las e fortalecê-las ainda mais. Eles também abordaram as perspectivas de maior segurança e cooperação militar entre os dois países. Ambos os lados enfatizaram a importância da coordenação contínua e dos esforços conjuntos para enfrentarem os vários desafios na região. Eles destacaram a necessidade de usar as capacidades e recursos das Forças Armadas da Jordânia em vários sectores para apoiar a segurança e a estabilidade regionais – particularmente à luz dos desafios nas áreas de fronteira, que afectam directamente a segurança nacional dos dois países. O ministro da Defesa sírio afirmou a profundidade dos laços históricos entre a Síria e a Jordânia e reiterou o compromisso do seu país com uma cooperação estreita. Ele também elogiou o papel central do Rei Abdullah II na promoção da segurança e estabilidade regionais. **Fonte-Reuters**.

A crise do Sudão e o som do silêncio internacional



AREIG ELHAG
23 de abril de 2025



O mundo ainda desvia o olhar, como se o Sudão não se qualificasse como uma crise sobre a qual vale a pena agir.

Duas declarações oficiais emitidas na semana passada reflectem a posição da comunidade internacional sobre a crise no Sudão. Um foi dos ministros das Relações Exteriores do G7 e o segundo seguiu a conferência de Londres sobre o Sudão, que incluiu participantes de países ocidentais, árabes e africanos, ao lado de grandes organizações internacionais e regionais. Embora ambas as declarações pedissem um cessar-fogo, a protecção de civis e o acesso humanitário irrestrito, elas diferiam significativamente em tom e abordagem.

A declaração do G7 usou uma linguagem forte e directa e colocou a culpa clara, particularmente nas Forças de Apoio Rápido. Isso ofereceu uma mensagem clara de que o exército sudanês conseguiu ganhar algum tipo de legitimidade nos países ocidentais. Em contraste, a declaração dos co-presidentes conjuntos da conferência de Londres foi mais diplomática e vaga, evitando acusações directas ou delineando mecanismos reais de aplicação. Na minha opinião, ambos os modelos ficam aquém: um fala duro, mas não oferece ferramentas para mudança, enquanto o outro se esconde atrás de processos e atrasos.

Ambas as abordagens também reflectem um fracasso mais amplo: o de administrar a crise em vez de resolvê-la, ignorando o profundo sofrimento do povo sudanês. Estes não são os primeiros documentos emitidos desde o início da guerra em abril de 2023. Em vez disso, a comunidade internacional está apenas continuando seu padrão familiar de engajamento hesitante e superficial. A embaixadora dos EUA na ONU, Linda Thomas-Greenfield, descreveu no ano

passado a situação no Sudão como uma catástrofe "provocada pelo homem" e expressou "vergonha" pelo sofrimento contínuo de civis sem uma acção internacional decisiva.

Esse fracasso também revela confusão entre as potências mundiais sobre a natureza da crise sudanesa, que deixou de ser apenas uma emergência humanitária. Tornou-se um reflexo nítido da ausência de vontade internacional quando se trata de crises em países africanos ou em desenvolvimento. O Sudão já foi abandonado antes. A tragédia de Darfur é um exemplo. A história agora se repete sob um novo nome e em meio a um novo silêncio.

É doloroso que, quando os sudaneses fogem do seu país em busca de segurança, se deparam com portas fechadas e indiferença, enquanto há pouca pressão internacional sobre os responsáveis pela guerra. Mesmo quando aceitos como refugiados, eles permanecem inseguros, expostos à violência e roubo, como visto nos campos de refugiados na Etiópia. Enquanto o mundo despeja recursos e atenção em outros conflitos, o Sudão é empurrado para as sombras.

Há muitas razões para esse silêncio. Muitos acreditam que o foco internacional mudou para guerras mais "visíveis", como as da Ucrânia e de Gaza (a guerra de Gaza começou após a guerra do Sudão), tornando o Sudão menos prioritário. Essas guerras atraíram grande atenção da mídia e da política. Em comparação, os apelos do Sudão, expressos principalmente por meio de agências da ONU, receberam pouca resposta séria. No mundo de hoje, parece que a atenção e a ajuda não dependem do nível de sofrimento, mas de quão alta é a crise politicamente.

Isso é especialmente perturbador quando todos os sinais de uma catástrofe já estão lá: fome, deslocamento em massa, violência sexual e limpeza étnica. No entanto, o mundo ainda desvia o olhar, como se o Sudão não se qualificasse como uma crise sobre a qual vale a pena agir. Como sudanês, isso me obriga a fazer algumas perguntas razoáveis: existe discriminação na forma como as crises humanitárias são tratadas? A solidariedade global está condicionada à raça, geografia ou conveniência política? Devemos nomear isso pelo que é: discriminação de ajuda, empatia selectiva ou, simplesmente, racismo.

Em setembro passado, na Assembleia Geral da ONU, entrevistei o ministro das Relações Exteriores do Djibuti, Mahmoud Ali Youssouf. Reflectindo sobre as discussões na cúpula, ele e outros líderes africanos expressaram preocupação com o facto de as questões africanas não serem tratadas como prioridade. "Embora todos os países sejam iguais, a agenda é muitas vezes moldada pelos interesses das potências ocidentais", disse ele.

Esse sentimento reflecte uma frustração mais ampla: muitos africanos sentem que o Ocidente carece de uma visão clara e respeitosa de seu relacionamento com o

continente. Para os africanos, especialmente os sudaneses, a verdadeira justiça e democracia exigem tratar todas as vidas com igual valor, independentemente da geografia.

Tomemos o Sudão como exemplo. De acordo com os últimos dados da ONU, este país africano enfrenta actualmente um dos piores desastres humanitários do mundo. Cerca de 25 milhões de pessoas, metade da população, precisam urgentemente de assistência. Cerca de 25,6 milhões enfrentam insegurança alimentar aguda, incluindo 8,5 milhões em condições de emergência. Quase 13 milhões de pessoas foram deslocadas, incluindo 8,6 milhões de deslocados internos e 3,8 milhões de refugiados ou retornados. O Sudão tornou-se a maior fonte de deslocamento forçado no Norte de África. É também a maior crise de deslocamento infantil do mundo, com mais de 90% dos cerca de 19 milhões de crianças em idade escolar do país privadas de educação formal.

No Darfur do Norte, a situação é ainda mais alarmante. Há sinais de uma fome iminente, relatos generalizados de violência étnica e sectária e crimes horríveis como estupro e assassinato, tudo acontecendo sem uma acção internacional séria. Mesmo os grupos locais de resposta a emergências, que tentam servir as comunidades, agora estão sendo visados em vez de protegidos.

Em minhas reportagens sobre o Sudão para a Alhurra TV, conversei com muitos funcionários de organizações não-governamentais e agências da ONU. Todos concordam que a situação humanitária está se deteriorando rapidamente e que a resposta do mundo é muito lenta e superficial. No entanto, os países do G7 continuam a emitir declarações sobre sua incapacidade de encontrar uma solução política, sem oferecer nenhuma acção ou iniciativa significativa.

E aqui reside a grande contradição: os mesmos países que cortaram o financiamento humanitário para o Sudão são os que pedem paz e soluções. E sem fornecer pressão, responsabilidade ou apoio. O que estamos testemunhando não é apenas uma crise política ou humanitária, é um teste moral para o mundo. Se o silêncio continua a ser a resposta internacional, então devemos repensar o que realmente significam solidariedade, justiça e até mesmo humanidade.

Areig Elhag é jornalista e pesquisadora baseada em Washington.

Isenção de responsabilidade: As opiniões expressas pelos escritores nesta sessão são próprias e não reflectem necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.

